ABEL DE ANDRADE NUNES

IMPONDERÁVEIS DA CONDIÇÃO HUMANA

almaletra

Ficha técnica:

Título: Imponderáveis da Condição Humana

Autor: Abel de Andrade Nunes

Design e paginação: Editora Alma Letra

1.ª edição, Viseu, agosto 2026

Editora Alma Letra

www.almaletra.pt

ISBN: 978-989-9140-40-0

Depósito legal:

Aos meus filhos Jimmy e Kelly
e ao meu neto Leon

Índice

Nota de abertura 9

Iguanas vendem-se 13

Um sábado na vida de um educador 47

Na rota dos ciganos..... 123

- No Ónibus 124
- Na Ponte do rio São Francisco 129
- Na Pérola do Mondego – Juazeiro..... 137

Nota de abertura

Não deixa de ser intrigante que certos grupos de pessoas sobrevivam na periferia de sociedades organizadas, como se a submissão às normas em vigor, através dum processo gradual de integração, lhes negasse o direito de serem o que são, isto é, diferentes. Direitos e deveres de cidadania não parecem ser fatores que lhes condicionem a dinâmica dum viver à parte. Refiro-me aos Roma, membros da etnia Romani, mais vulgarmente conhecidos como "ciganos", assim alcunhados pelos bizantinos, que lhes abriram as portas à saída do Cáucaso em meados do século XIV, muito antes da queda de Constantinopla, em 1453.

Uma vez deportados para o Brasil, onde os encontrei sem grandes alterações no estilo de vida que os condenou à deportação, debatiam-se com a impossibilidade de rejeitar de todo um meio social ordenado que os levaria ao sedentarismo e um passado de séculos que lhes facilitou a sobrevivência numa paisagem hostil, que incluiu a escravatura até meados do século XIX, no Leste europeu. Independentemente dos preconceitos que possamos exibir contra estas tribos originalmente nómadas, é inegável que o fenómeno merece um debate que se proponha desafiar a narrativa popular.

Outro grupo de pessoas que, através do conhecimento e da prática, se indignou contra a narrativa oficial propagada durante a pandemia de covid-19 foi o dos profissionais do setor da saúde. Sem serem médicos ou virologistas, os profissionais de enfermagem dos lares e hospitais assistiram à morte lenta dos seus "doentes", através

de "greves de fome" contra a proibição de serem visitados pelos seus entes queridos. "Viver para quê?", perguntavam-se. "Se não podemos abraçar filhos e netos?".

Devemos acrescentar que aos enfermos foi negado o acesso aos medicamentos antivirais que existiam e eram bem conhecidos da classe médica, a fim de não prejudicar a campanha a favor das chamadas vacinas, que mais não eram do que uma forma de terapia genética.

Também este fenómeno dos "confinamentos" merece um estudo aprofundado, uma vez que foi decretado pela OMS, parcialmente financiada por donativos das corporações que deveria fiscalizar. Como se pôr a raposa de guarda à capoeira se enquadrasse na ordem natural das coisas. Então, que não nos impeçam de franzir o sobrolho e fazer algumas perguntas inconvenientes que merecem ser arejadas.

Por fim, confrontamo-nos com uma enorme quantidade de órfãos na América Central, cujos pais pereceram nas confrontações com "forças da ordem" e paramilitares ao serviço dos oligarcas apadrinhados por Washington. Lá, onde falar alto era crime, protestar em público acarretava a pena de morte. Que o digam os que eu via entrar e sair das camionetas, ou parados nas valetas ou bermas das estradas, desde a costa do Pacífico ao Golfo das Honduras, na mira de encontrar comprador para uma iguana, de mandíbulas atadas por um fio de ráfia, ou um boneco habilmente torneado e pintado pela avó ou tia com quem viviam.

Poder-se-ia dizer que estas crianças, e os familiares que as criavam, sobreviviam na periferia da sociedade que lhes pertencia por direito, embora a narrativa oficial nos afiance que as agências do Estado estão lá para as proteger.

Este livro, que se alongou demasiado sem que eu me desse conta, tinha como finalidade levar ao conhecimento dos leitores as-

petos não convencionais de certos grupos que optam por criar a sua própria narrativa, uma vez que a verdade oficial peca por falta de credibilidade e não se enquadra na sua perceção da realidade social. Claro que os donos do poder se insurgem contra a subversão, o que torna o conflito inevitável. E daí podemos até especular que a legitimidade dos sistemas sociopolíticos só se atinge através do conflito. Pena é que não haja uma correlação de forças. Logo, os órfãos de El Salvador e da Guatemala continuarão a caminhar pela berma das estradas, as enfermeiras dos lares continuarão impassíveis perante as mortes dos seus doentes na próxima epidemia, e os ciganos, familiarizados com os seus métodos milenários de sobrevivência, não deixarão de mostrar uma certa relutância ao serem pressionados para rejeitarem formas arcaicas de nomadismo que os trouxeram até aqui.

IGUANAS VENDEM-SE

A camioneta largou de Santa Rosa para a Praia de El Cuco com uma hora de atraso. É que o motorista, talvez devido ao calor intenso que se abateu sobre El Salvador, com uma incidência particular na região de Santa Rosa, apareceu no terminal acometido de cólicas intestinais, o que levou o gerente a substituí-lo por um suplente reformado, mas ainda de pulso firme no volante.

— O senhor é português ou brasileiro? — disparou-me logo à entrada, mal lhe mostrei o bilhete.

— Sou português — respondi-lhe, enquanto largava a mochila num dos bancos da frente.

— Então mais um lusitano, fora de portas, à descoberta de novas paragens, onde até o Diabo já parece decidido a fechar a loja…

"Fulano interessante", disse para comigo. "E eu a pensar que a paisagem ao longo da estrada e a bicharada que lá mora seriam a única distração com que ocupar a mente e os olhos até à costa do Pacífico".

Já em andamento, perguntou-me por que raio tinha eu tanto interesse em visitar a praia de El Cuco.

— Aquilo não tem nada que ver! Não pense o senhor que vai lá encontrar areia branca e fina como nas vossas praias da Ibéria! — E reduziu a velocidade após entrar num piso esburacado, onde as tempestades e o tráfego haviam roubado o asfalto.

— Mas agora reparo — continuou, com um sarcasmo amigável, que aceitei de boa mente —, o senhor vai para a praia de mochila? Quem é que olha pelas suas coisas enquanto vai dar um mergulho?

— A mochila é a minha boia de salvação, já que de nadador tenho muito pouco…

— O quê? Descendente dos Gamas e dos Cabrais sem saber

nadar… — disse, desolado, o que me provocou uma risada anémica, enquanto argumentava que muito poucos se qualificaram para admissão na escola náutica desses mareantes destemidos… E mais não disse porque nos pegámos numa galhofa pegada, como se fôssemos conhecidos havia tempos.

Mesmo sem localidades à vista, a camioneta parava aqui e além para dar entrada e saída aos passageiros que provavelmente moravam no interior. A grande maioria dos homens viajava com um machete no regaço, ou atravessada no peito e segura por sólida correia de coiro. As bainhas, também de cabedal, eram decoradas com motivos vários, entalhados a preceito por mão de mestre. Era óbvio que a segurança pessoal os preocupava, embora a violência generalizada do conflito civil desse mostras de amainar. Falava-se até de negociações de paz sob os auspícios do México. Sem acesso a armas de fogo, tornaram-se exímios no desembainhar da lâmina longa e afiada, que, não raro, segundo vozes correntes, cortava a direito no braço dum pandilheiro que, de revólver ou navalha em punho, tentava extrair do campesino o produto da venda que tinha efetuado no mercado.

— Pois então, como ia a dizer-lhe — voltou ele, agora com um sorriso franco, sem descurar a estrada, cujo mau estado o forçava a um virar constante do volante —, nem pense entrar na água com a mochila às costas, já para não falar na carteira, passaporte, etc., compreende-me?

Alguns passageiros mantinham-se à janela, desesperados por uma aragem que aliviasse o desconforto de mais de quarenta graus de calor. Pelo canto do olho direito mirava-me a intervalos, talvez curioso pelo motivo da minha visita à América Central.

Chegados à cidade de San Miguel, fundada por um Luís Alvarado em 1530, segundo mo disse, estacionou no terminal e, após desligar o motor, anunciou uma paragem de quinze minutos. Sem

ser autoritário, tinha uma voz de comando, que eu atribuí a um provável posto militar enquanto membro ativo da FMLN. Os passageiros, sem exceção, dirigiram-se para a cantina local, machetes a tiracolo, em busca dum refresco ou copo de cerveja.

— Venha daí! — disse-me ele, enquanto fechava a porta da camioneta. — Ali na cantina há uma garota que tem tanto de beleza como de habilidade para tirar cerveja.

E para lá nos dirigimos, onde alguns passageiros, já aviados, se entretinham em amena cavaqueira, enquanto o motorista contava os quinze minutos anunciados.

A moçoila recebeu-nos com um sorriso afável e comentou:

— …já sei que o senhor quer um copo de cerveja; quanto ao seu amigo gringo…

E dali não passou, porque o motorista lhe cortou a palavra com um ar carrancudo, como se a garota tivesse pronunciado alguma blasfémia contra a Nuestra Señora de la Paz.

— Este senhor não é gringo nenhum! É um camarada latino como nós. Só que vive no Canadá, sem nunca esquecer as raízes, não é professor?

Eu acenei que sim, enquanto, com um ar benigno, sorria à rapariga, envergonhado por ele a ter repreendido. Mas, pelos vistos, eram conhecidos de longa data e ela apressou-se a aviar outros fregueses, sem tempo para indagar das minhas origens ibéricas.

Debaixo das mangueiras agrupavam-se alguns passageiros que, devido à sombra generosa que os cobria, não pareciam desejosos de voltar para a camioneta até o motorista os chamar com dois apitos da buzina. Entretanto, nós, sem pressas, tecíamos considerações acerca das sociedades do Norte, cuja riqueza, pelo menos em parte, podia ser atribuída à exploração das nações do Sul.

— Por outro lado, como negar o mérito aos espanhóis, cuja conquista destas terras foi levada a cabo com pouco mais de uma centena de cavaleiros, assistidos por tribos rivais dos Penca e Pipil, todos incapazes de resistir à servidão que a seguir lhes foi imposta?

Falava-me com entusiasmo, como se eu fosse a pessoa indicada para absorver uma longa lista de abusos e violências, praticadas pelas forças policiais e militares ao serviço da classe dirigente. Olhou para o relógio, depois para os passageiros acoitados à sombra das mangueiras, e comentou a meia-voz:

— …imagine como uma dúzia de famílias, após a independência, se apoderou deste pobre país, e não só da terra. Sim, porque o povo também faz parte da propriedade a que botaram a mão.

Escorripichou o resto da cerveja, deu um estalo com a língua e, com um ar de desafio na voz, perguntou-me se lá no Norte tinha ouvido falar de "las catorce familias". Eu respondi que não. Mas estava interessado em conhecer a dinâmica do poder e as condições socioeconómicas que prevaleciam no país. Mordeu o lábio inferior, quedou-se pensativo por uns breves momentos e, como se uma ideia genial lhe tivesse acudido de repente, agarrou-me no braço, enquanto me segredava que na Universidade, que esteve prestes a frequentar, havia um professor assistente, ainda jovem, membro da FMLN, que de certeza me poria ao corrente da situação. Ensinava História e era muito respeitado pelos alunos, um dos quais era seu filho. Fitou-me a seguir e, com o olhar nos passageiros, que nos miravam a intervalos, deixou sair, como quem desfia contas dum rosário:

— …então nomes como Salaverría, Regalado, Flores, Hill, Quiñónez… não lhe dizem nada?

Eu, um bocado contrito devido à minha ignorância, disse-lhe que não, embora tivesse encontrado um daqueles nomes numa caixa de bananas ou saco de café, havia tempos. Ele riu-se. Depois, muito sério, num tom dramático, deixou sair:

— …como é possível que pouco mais duma dúzia de famílias tenham em seu poder a maior parte da riqueza nacional, que inclui a terra arável, e não só… enquanto seis milhões de pessoas só com dificuldade conseguem arranjar feijão ou arroz, para duas refeições diárias. E muitos há cuja dieta não vai além da tortilha…

Voltámos para a camioneta. Entretanto, os passageiros alinhavam-se à porta. Ligou o motor e, zombeteiro, desculpou-se por não ter os assentos equipados com cintos de segurança, como se isso fosse uma prioridade. E rimo-nos mais abertamente quando adicionou que, antes dos cintos, seria conveniente substituir os pneus, os travões e a caixa de velocidades.

— O gerente só se preocupa com a venda de bilhetes e partidas à tabela. Quando lhe falo dos pneus e do resto das reparações que o veículo precisa, começa a revirar os olhos, acena que sim e volta para o seu gabinete a resmungar que ninguém o deixa em paz. O motorista que adoeceu esta manhã já deixou de reclamar. Há dias disse-me que só quando a camioneta resvalar para uma valeta num dia de chuva é que os pneus passam a ser assunto para conversa.

— Bom, é gerente — disse eu, hesitante em contrariá-lo —, logo, cortar nas despesas é um dever profissional.

— Pois é — atalhou ele. — Mas quando há anos éramos camaradas de trabalho aqui na empresa, muitas vezes discutíamos assuntos que ele agora nem aceita como parte duma conversa: turnos, ordenados, férias, condições de trabalho, etc.

— Mudou de classe — observei, enquanto ele acelerava ao largar os arrabaldes de San Miguel. — E os interesses mudaram também. Seria um pouco ingénuo e absurdo esperar que o gerente zelasse pelos interesses dos trabalhadores, de que já não faz parte.

Agora focava-se na estrada por completo. As condições do piso mudavam com frequência, o que requeria ajustamentos regu-

lares na condução. Deixou de mirar-me pelo canto do olho, talvez imerso na observação que fiz acerca dos interesses de classe.

Em El Tecomatal saíram e entraram poucos passageiros, e alguns destes, segundo me foi dado perceber, iam a caminho de Chirilagua, já próximo de El Cuco. Pareciam ser todos mestiços, à imagem dos oitenta e tal por cento da população de que é feito o país. Mantinham-se em silêncio e só ocasionalmente chegava até nós o rumor duma conversa entre amigos ou casais. Duas crianças de tenra idade, cujos pais ocupavam o assento ao lado, não largavam a janela e só raramente trocavam palavras em espanhol, que eu entendesse. Como se o falar exigisse um gasto supérfluo de energias, tão vitais nas tarefas de sobrevivência, agravadas pela onda de calor que ainda surpreendia o motorista, mesmo já próximo da costa.

Ao sairmos de Chirilagua, manifestei-lhe a minha apreensão pelo ar taciturno dos passageiros, como se temessem ser apanhados a dizer algo que lhes comprometesse a liberdade.

Não respondeu. Devia ter ouvido a minha observação, mas parecia exclusivamente focado na estrada, como se ao dobrar da curva nos fosse surgir algo ou alguém, de importância relevante, capaz de justificar uma paragem que não figurava na escala. Abrandou a velocidade e, antes de me aperceber do motivo da paragem, já ele apontava com o dedo na direção duma árvore centenária, de ramagem frondosa, debaixo da qual se abrigava uma criança pequena, cuja idade não devia exceder os oito ou dez anos. Parecia mais um dos muitos garotos que deambulavam nas cidades e vilas da América Central, abandonados pela família, devido à impossibilidade de sustentá-los, ou empurrados para a via pública pela ausência dos pais, que os militares, ou forças policiais, fizeram desaparecer.

Mas o Juanito, como lhe chamou o motorista, era diferente. Caçava armadillos, cobras e iguanas na floresta, e tentava vendê-los na berma da estrada a quem por ali passava. Nesse dia, tinha uma

iguana à venda, indicação de que a clientela era escassa, porque dos dois com que começou o mercado logo de manhãzinha, ainda lhe sobrava metade da mercadoria.

Depois de desligar o motor e pedir aos passageiros que se fossem refrescar debaixo da árvore, o Sr. Tamayo segredou-me que o garoto era um dos poucos sobreviventes do Massacre de El Calabozo. Ainda bebé, a mãe escondeu-o no mato, na margem do rio, depois de fugirem da aldeia debaixo dum bombardeamento intenso. Interrogou-me com o olhar.

— Então o senhor nunca ouviu falar do Massacre de El Calabozo? — perguntou-me, aparentemente resignado, como se já soubesse a resposta.

— Não senhor! Talvez porque os meios de informação norte-americanos não lhe tivessem dado cobertura alguma… — disse, pouco seguro de mim. Afinal, mesmo parcialmente ligado a grupos de estudantes latino-americanos, que não raro usavam uma sala de aula para sessões de esclarecimento acerca das atividades de movimentos rebeldes contra as ditaduras em progresso, desde Chiapas até ao Panamá, o Massacre de El Calabozo era-me estranho.

O Juanito permanecia ao nosso lado, talvez esperançado de que lhe comprasse a iguana, que não parecia muito saudável. De mandíbulas atadas por uma fita de ráfia, dobrada ao meio e pendente da mão do garoto, que a segurava pelo abdómen, não dava sinais de vida. "Devia medir quatro palmos, macho adulto", apressou-se a esclarecer o petiz. O Sr. Tamayo decidiu intervir como mediador entre a impossibilidade de eu levar a cativa e o desejo do Juanito de se ver livre da mercadoria.

— Ouve lá rapaz! Como pode este senhor estrangeiro comprar-te a criatura se não tem onde a meter?

O miúdo acenava com a cabeça, desolado, mas não desistia do

seu propósito. Então, sugeri que ma vendesse por cinco dólares e, como não podia levá-la para casa, que a libertássemos ali no mato.

A magnanimidade do meu gesto despertou a curiosidade em alguns dos passageiros, que se aproximaram de nós, entre eles os garotos que estavam à janela, e tencionavam estar presentes quando eu e o Juanito devolvêssemos a liberdade à iguana, o que viria a seguir, com o motorista a apadrinhar o acontecimento, inaudito naquelas paragens, segundo me constou.

— Mas não penses ir atrás do pobre animal, caçá-lo outra vez, e pô-lo de novo à venda. A iguana já não é tua. Este senhor já te pagou por ela, compreendes?

O Juanito acenou que sim e prontificou-se a seguir o Sr. Tamayo, que liderava o cortejo de passageiros, em fila indiana, até um local da floresta pouco densa, com mato rasteiro, onde a iguana pudesse recuperar das vicissitudes a que o garoto a tinha submetido. Os outros passageiros permaneceram debaixo da árvore, pouco interessados no drama da sobrevivência a que circunstâncias tão cruéis submetiam os dois protagonistas. Ao lado do garoto juntaram-se as duas crianças da camioneta, que deixaram os pais debaixo da árvore e, num gesto de solidariedade, caminharam com ele, sem dizer palavra, ao princípio. Mas, uma vez chegados ao local escolhido pelo Sr. Tamayo para a libertação do prisioneiro, já falavam sem cessar, como se o encontro marcasse o fim duma ausência prolongada que lhes tinha impossibilitado o contacto.

Depois duma análise minuciosa do terreno, o Sr. Tamayo achou por bem colocar a iguana longe dos formigueiros, cujos habitantes não pecavam por falta de crueldade. E quando, finalmente, se encontrou o local ideal para aquele lagarto enorme ser devolvido ao seu habitat natural, este permaneceu imóvel, alheio ao envolvimento de todos na sua libertação. Parecia moribundo, o que levou os dois irmãos a perguntar ao Juanito, numa voz um pouco mordaz, quando